

ENSINO E APRENDIZAGEM DE ANTROPOLOGIA: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNESP-MARÍLIA¹

Talita Prado BARBOSA

RESUMO

O objetivo deste trabalho é questionar o ensino tradicional nas ciências sociais, especialmente na antropologia analisando a metodologia de ensino utilizada pelos docentes da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília (FFC), em que a maioria utiliza as aulas expositivas, o que resulta em um problema para a antropologia, já que a disciplina propõe a compreensão da alteridade, na tentativa de apreensão do “outro” por meio da etnografia, metodologia a qual a disciplina é constituída. Considerada pelos antropólogos na impossibilidade de se ensinar, tendo em vista que ela deve ser experimentada ao longo da trajetória intelectual que os estudantes constroem no decorrer do curso de graduação e pós-graduação. A partir de entrevistas realizadas com discentes regularmente matriculados no bacharelado de antropologia do curso de ciências sociais, assim como alunos que participaram de aulas consideradas alternativas às expositivas, no caso a disciplina de Tópicos de Antropologia ministrada em 2006 na FFC, no intuito de resgatar a memória desses indivíduos, traçaremos um histórico de como são as aulas de antropologia ministradas no curso, na busca por medidas eficazes na aplicação de métodos que aproximem os futuros cientistas sociais à pesquisa, para que sua formação aconteça da forma mais plena possível fazendo com as Ciências Sociais se torne “um percurso que abra um campo de possibilidades e trajetórias e não apenas uma grade curricular” como sugere as Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em ciências sociais.

Palavras-Chave: Antropologia. Ensino e Aprendizagem. Metodologia de ensino.

1 INTRODUÇÃO

A docência na Educação Superior é algo que deve ser alvo de críticas e questionamentos recorrentemente, pois é uma atividade que implica ações diretas com indivíduos e pode transformar toda uma sociedade. O trabalho docente é responsável por mais que preparar pessoas para o mundo do trabalho, tendo o compromisso de formar indivíduos pensantes, com opiniões próprias, capazes de desenvolverem críticas a partir de pesquisas e reflexões de campos de conhecimento, contribuindo originalmente para estes campos. Essas

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais orientado pela docente Christina de Rezende Rubim. UNESP – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – SP. E-mail: alita Prado.sociais@yahoo.com.br

características devem estar presentes no cotidiano das instituições de ensino, nas salas de aula dos cursos de graduação, onde os alunos passam a maior parte do tempo de sua vida acadêmica.

O docente deve ser capaz de ensinar os alunos a pensarem o que está sendo ensinado, tendo a pesquisa como base para o ensino, mostrando aos estudantes que eles devem buscar, investigar, conscientizando-os de que são capazes de aprender a aprender, de pensar por si mesmos e construir conhecimento criativo a partir de determinadas tradições.

Para isso, o docente deve ter conhecimento de processos de ensino e aprendizagem e estar disposto a criar novas situações de aprendizado, optando por metodologias criativas, não se limitando apenas às aulas expositivas que têm como único recurso, na maioria das vezes, lousa, giz e a própria voz do professor. O que se prioriza, neste contexto, não é o aprendizado, mas a informação.

Entretanto, ações diferenciadas para o ensino nem sempre são possíveis. O ensino baseado na pesquisa com docentes pesquisadores que possuam didática e métodos para desenvolver teoria e prática na sala de aula dificilmente acontecem, como é o caso da maioria dos cursos de graduação nas ciências humanas. (MASETTO, 1998).

No entanto, diversas pesquisas apontam experiências que foram bem sucedidas nas universidades. Ivani Fazenda (1998), por exemplo, compõe uma coletânea intitulada *Didática e Interdisciplinaridade*, em que descreve e analisa exemplos de universidades que adotaram diferentes metodologias e didáticas para aproximar o ensino e a aprendizagem às formas ideais para formar um indivíduo humanamente capaz de desenvolver suas potencialidades e despertar sensibilidades para exercer suas profissões e utilizar o conhecimento adquirido da melhor maneira possível.

Um dos textos dessa coletânea, *Aula na universidade*, de autoria de Marcos Masetto, aponta quatro experiências diferentes de aulas em diferentes instituições de ensino superior (IES). A primeira experiência relatada acontece na Universidade de São Paulo (USP), no curso de Educação, em que existem alguns critérios para que as aulas aconteçam, sendo que um dos principais é a concepção da sala de aula como um espaço de vivência.

Essa experiência da USP pensa a sala de aula enquanto vivência, aula como vida, como realidade, muito mais do que apenas um espaço físico. Para isso, o docente deve

estimular (e não forçar) a convivência dos alunos, com dinâmicas e propostas de trabalhos em conjunto, para incentivar a *con-vivência*.

O segundo exemplo de aula bem sucedida vem da Faculdade de Medicina de Harvard, onde as aulas são práticas a partir de grupos entre dez a doze alunos sob a coordenação de um professor que, juntamente com seus estudantes, busca o problema a ser trabalhado. Neste exemplo a noção de tutoria é o que fundamenta o método de ensino e a prática norteando a teoria, além de uma concepção holística do conhecimento.

A terceira experiência ocorre nos cursos cooperativos na politécnica da USP, com o projeto de educação cooperativa, em que os alunos trabalham com técnicas desde o início do curso, tendo além de disciplinas teóricas, o estágio, exercendo a futura profissão, desde o primeiro ano de faculdade. Essa técnica de ensino faz com que o estudante vivencie a profissão que escolheu desde o início de seus estudos, tendo noção do que será capaz de realizar após a formatura.

O quarto exemplo acontece na Universidade do Rio Grande do Sul, que busca experiências significativas com o coletivo, transformando a sala de aula em um local de crescimento pessoal e interpessoal, pois incentiva os alunos a pesquisa com a utilização de todos os ambientes da universidade, não se limitando ao espaço da sala de aula.

Esses são alguns exemplos de realidade das IES que buscam qualidade e comprometimento com o Ensino Superior, mostrando na prática que é possível desenvolver as teorias e didáticas para uma construção plena do conhecimento.

Na antropologia essa preocupação com o ensino e aprendizagem também vem sendo discutidas desde o início dos anos noventa do século passado. Autores como Klaas Wootmann, Peter Fray, Mariza Peirano, dentre outros, fazem considerações acerca desta problemática no Brasil, analisando as formas tradicionais de ensino da antropologia e pensando formas alternativas.

Inicialmente tais autores apontam para as dificuldades metodológicas que a antropologia depara-se enquanto disciplina, pois é consenso que ela se constitui a partir da etnografia, método prático, inviável de ser ensinado exclusivamente em sala de aula. Relatos podem ser feitos, estudos teóricos realizados, mas esses recursos nunca conseguirão o resultado de uma plena apreensão do método como ocorre na prática, pois é na experimentação vivenciada que o trabalho de campo acontece.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O trabalho de campo é um método que se constrói a partir de Malinowski (1978 [1922]) para a realização de pesquisas em culturas diferentes da nossa. Foi sendo sofisticado por outros autores no decorrer da história da disciplina, como, por exemplo, Clifford Geertz (1997 [1973]), que coloca a pesquisa etnográfica não somente como uma observação do modo em que os indivíduos vivem, mas também de como dizem que vivem, tornando o trabalho do antropólogo uma construção de teorias que interpretam os significados, e, portanto, a interpretação da interpretação do que dizem os nativos.

Segundo Peirano (2006), um cientista social se torna antropólogo ao longo de um processo de aprendizado e descoberta, que é ao mesmo tempo individual e intelectual. Portanto, quando estudamos teoria, também estamos resgatando a história da disciplina e renovando-a teoricamente no seu pensar e fazer.

Não existem fórmulas ou modelos para se ensinar antropologia segundo os antropólogos. Peirano (2006) aponta que uma das maneiras mais ineficazes é por intermédio dos manuais, que segundo ela, traduzem uma falsa impressão de segurança aos alunos e a ilusão de uma orientação segura aos professores.

Woortman (2006) defende que formar antropólogos não é ensiná-los a fazer etnografia, pois a vivência proporcionada por ela não pode simplesmente ser transmitida como informação, mas deve ser experimentada no cotidiano do trabalho de campo, com um diálogo que necessariamente é construído entre diferentes historicidades.

O ensinar antropologia é mais do que métodos e técnicas; é tentar fazer pensar e viver como o “outro”, mesmo tendo claro que dificilmente conseguiremos. No entanto, a realidade da maioria das disciplinas oferecidas nos cursos de graduação de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, campus de Marília são suas tradicionais aulas expositivas.

Diante dessa situação o artigo tem como interesse questionar o ensino tradicional de antropologia, com as aulas expositivas – maioria nos cursos de graduação –, propondo

formas alternativas para aprender e ensinar, permitindo ao aluno a significativa experimentação etnográfica e tomando, como exemplo, a disciplina oferecida em 2006 na FFC pela professora Christina de Rezende Rubim, cuja proposta da experiência de ensino de antropologia no curso de graduação em ciências sociais construiu-se a partir do conceito de fato social de Mauss (1979), tendo como temática a cidade de Pedrinhas Paulista, município criado a partir da imigração italiana no pós Segunda Guerra Mundial, localizada na região centro-oeste do Estado de São Paulo.

3 MATERIAIS E METODOLOGIA

Utilizaremos o método da etnografia do saber de Geertz (1997) e as perspectivas internalistas e externalistas construídas pelo autor Raymond Willians, conforme expostas em Heloísa Pontes (1996), que compreende a primeira como uma análise interna dos fatos sociais, e a segunda, que constitui uma análise a partir de suas influências e contextos históricos e culturais. A análise será construída a partir dos depoimentos dos alunos regularmente matriculados no quarto ano do curso de ciências sociais, bacharelado em antropologia do ano de 2008, bem como o resgate da memória dos alunos que participaram da disciplina com a experiência etnográfica em Pedrinhas Paulista no ano de 2006, além do depoimento da professora que ministrou o curso.

As entrevistas foram realizadas de maneira informal com um roteiro inicial introduzindo o tema, mas sem haver a preocupação com o controle rígido de respostas, pois o objetivo é justamente ampliar as perspectivas de análise do tema ensino e aprendizagem de antropologia, refletindo criticamente sobre o conhecimento nessa área (CARVALHO, 1991).

As entrevistas realizadas com os discentes e a docente do curso de Ciências Sociais da FFC têm o intuito de evidenciar a subjetividade de cada entrevistado, pois mesmo sendo parte de uma determinada realidade, suas experiências são singulares e únicas (PICITELLI, 1993).

A memória resgatada será trabalhada dentro do contexto histórico atual no qual está inserido o curso de Ciências Sociais. Segundo Márcia D'Aléssio

A memória modifica os objetos, as investigações, as abordagens, e também, a escrita da história. Ao introduzir a subjetividade no conhecimento, coloca as sensibilidades, as privacidades e o cotidiano no centro da trama histórica (D'ALÉSSIO, 1998, p. 275).

E dessa maneira, buscamos apreender elementos presentes nas experiências vivenciadas pelos discentes no contexto histórico ao qual estão inseridos para compreender os problemas relacionados às metodologias utilizadas nas disciplinas de antropologia, assim como nas demais do curso, e como atender a demanda dos alunos oferecendo uma aula de qualidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O problema do ensino e aprendizagem de antropologia é discutido em diferentes perspectivas, e está recorrentemente presente nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). No entanto, foi na gestão de 2005/2006, que a temática teve maior destaque, organizando-se um livro com o objetivo de fazer socializar o estudo da arte das principais discussões sobre ensino de antropologia no Brasil. Foi a partir da reunião de artigos publicados separadamente ao longo da década de 1990 por diversos antropólogos concentrados no ano de 2006 em um único livro organizado por Mirian Pillar Grossi, Antonella Tassinari e Carmen Rial, que pensamos as possibilidades de uma disciplina prática de etnografia, partindo do modelo da disciplina de Pedrinhas Paulista (vencedora do prêmio ABA/FORD) e nos depoimentos de alunos e da professora.

Os objetivos do *Prêmio ABA/FORD para inovação no ensino de antropologia* (edição 2006) foi de apoiar experiências inovadoras de ensino de antropologia na graduação, formação continuada e pós-graduação, no sentido de contribuir para o aprimoramento das práticas de ensino na área, atendendo a demanda de estudantes que chegam em nível superior e que se concentram em diferentes cursos das áreas de humanas.

O concurso então,

Tem como objetivo estimular propostas que possam atender à demanda também crescente por cursos de extensão universitária e educação continuada que se apóiam no instrumental e na experiência da Antropologia (GROSSI, TASSINARI, RIAL, 2006, p. 445).

Do qual saíram cinco vencedores: Celso Castro para graduação em Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (RJ), Myriam Lins e Barros para profissionais oriundos do curso de Serviço Social na UFRJ (RJ), Luciana Chianca para estudantes de graduação em Ciências Sociais na UFRN (RN), Maria Catarina Chitolini Zanini para estudantes de vários cursos de graduação da UFSM (RS) e Christina de Rezende Rubim para estudantes de graduação em Ciências Sociais da UNESP (SP) (GROSSI; TASSINARI; RIAL, 2006, p. 10).

Dessa maneira este trabalho tem interesse em questionar o ensino tradicional de antropologia, com aulas exclusivamente expositivas – maioria nos cursos de graduação e pós-graduação –, propondo formas alternativas para o aprender e ensinar, permitindo ao aluno a significativa experimentação etnográfica no curso de graduação, com a preocupação em sanar ou pelo menos amenizar alguns dos problemas apresentados por diferentes autores em relação ao ensino da disciplina.

Peter Fry (2006), por exemplo, atenta para a posição da antropologia na hierarquia das carreiras universitárias, afirmando que ela encontra-se em um processo de declínio com poucos candidatos/vagas e com alunos oriundos de camadas sociais mais carentes e com notas mais baixas nos vestibulares.

Perante essa situação, o autor coloca uma questão à antropologia e aos antropólogos. Como conjugar uma educação de boa qualidade para os alunos de baixa renda e ao mesmo tempo manter e aumentar a excelência da pesquisa? (FRY, 2006, p. 63).

A essa questão Peter Fry (2006) responde com exemplos de superação e inovação no ensino de antropologia, como no caso do Laboratório de Pesquisa Sociais (LPS) do IFCS da Universidade Federal do Rio de Janeiro criado em 1986 por um conjunto de professores, em sua maioria antropólogos, que tem como objetivo proporcionar aos alunos de graduação o aprendizado de ciência social, a partir de suas participações em pesquisas orientadas pelos professores e com bolsas de iniciação científica.

Experiência parecida com essa ocorre na FFC-Marília. Professores que possuem projetos de pesquisa custeados por agências de fomento como, por exemplo, a CNPq,

oferecem oportunidade aos estudantes de participarem de suas pesquisas e também receberem bolsa de iniciação científica.

O problema dessa prática está na limitação do acesso. Segundo a entrevistada ME, que possui bolsa de iniciação científica desde o segundo ano de graduação em ciências sociais, vinculada à pesquisa sobre migração realizada pela docente Ethel Volfzon Kosminsky, fomentada pelo CNPq, “existe uma limitação ao acesso a pesquisas, que recai no problema dos privilégios, em que alguns alunos são contemplados e outros não”.

A estudante acredita que esse problema ocorra por existir poucos grupos de pesquisa na faculdade, como também poucos grupos de estudos, em que não conseguem abranger a demanda de alunos, “que muitas vezes se interessam por temas de pesquisa variados que não são contemplados nesses projetos ou grupos” e acaba prejudicando a formação do aluno no quesito pesquisa, prática que deveria ser na mesma proporção do ensino e a extensão.

Essa experiência é importante que aconteça na universidade, entretanto a pesquisa deve se aproximar mais do cotidiano da vida universitária dos discentes, estando presente também nas disciplinas por intermédio de situações de aprendizagem, com problematizações atuais e propostas de pesquisas na comunidade para assim, atender a maioria dos alunos, sem limitá-la aos que se vinculam a grupos de estudos e pesquisa.

É possível através das entrevistas perceber um sentimento coletivo de que se faz necessário uma disciplina que possibilite a pesquisa na prática, permitindo a experiência especialmente da etnografia. Ao chegar à etapa final do curso, quando se deve optar por uma das principais áreas – antropologia, sociologia ou ciência política – o aluno estará mais preparado e instrumentalizado para a pesquisa.

MR, aluna do bacharelado em antropologia do curso de Ciências Sociais da FFC, afirma que a prática é imprescindível para a apreensão da teoria, e que sua compreensão de disciplinas tão específicas da antropologia, obrigatórias no bacharelado, só é possível por ter tido a oportunidade de participar de um projeto de extensão, onde houve uma pesquisa de campo junto ao EJA (Educação para Jovens e Adultos).

A aluna diz que “a prática quando realizada anterior a teoria facilita na sua compreensão”, e que, portanto, “deveria existir uma disciplina que atendesse essa necessidade para melhorar qualitativamente a formação do cientista social”.

Tomamos, como exemplo, a disciplina oferecida em 2006 na própria FFC pela professora Christina de Rezende Rubim, cuja proposta da experiência de ensino de antropologia no curso de graduação em ciências sociais construiu-se a partir dessa afirmação e teoricamente baseada no conceito de fato social de Mauss (1979), e que tinha como temática *Pedrinhas Paulista: um pedacinho da Itália no Brasil*, um município criado a partir da imigração italiana no pós Segunda Guerra Mundial.

O objetivo do curso, segundo Rubim, foi oferecer aos alunos a possibilidade de participar do levantamento inicial dos temas reconhecidamente antropológicos, sua problematização, recorte e construção do projeto de pesquisa, proporcionando aos seus participantes uma formação no campo da antropologia que propiciou tanto a leitura dos clássicos da disciplina, quanto a sua inserção em uma realidade específica e plural, permitindo a experimentação etnográfica, concedendo à docente o prêmio da Associação Brasileira de Antropologia/Fundação Ford, na categoria Projetos Inovadores de Disciplinas de Introdução à Antropologia na Graduação.

Em relação a essa experiência de aula, os participantes que foram entrevistados demonstraram uma satisfação no sentido de ter vivenciado o fazer etnográfico.

Segundo LL, participante dessa disciplina:

A disciplina deveria ser obrigatória no curso de Ciências Sociais, que acontecesse no segundo ou terceiro ano, quando estamos tendo apenas teorias. Pois, ela é positiva para todos, porque nos dá oportunidade de ter na prática a experiência da etnografia, do trabalho antropológico. A experiência de campo é importante para todos, mesmo àqueles que não seguirão a área de antropologia.

Os relatos particulares apresentam divergências entre um comentário e outro, o que é compreensível, pois segundo Lowenthal (1998) a memória possui características subjetivas e não podem ser totalmente compartilhadas, o que para outros conhecer a memória alheia não é o mesmo que possuí-las.

E dessa maneira, com a presença da subjetividade de cada um dos entrevistados, foi possível, através da interpretação de fragmentos e da síntese de relatos desses testemunhos oculares (LOWENTHAL, 1998), apreender elementos coletivos, como por exemplo, a

compreensão dos alunos participantes das teorias antropológicas, e da própria etnografia ensinada em sala de aula.

ML, que participou da disciplina em 2006, diz que para aprender a fazer etnografia é necessário ir ao campo e experimentar a teoria, pois “não existe receita ou fórmula para fazê-la, não adianta a quantidade de leituras que se faça ou as tantas teorias que se mostram, pois a etnografia acontece apenas quando se chega ao campo e se surpreende com a realidade”.

5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa não tem a pretensão de propor uma nova metodologia de ensino para as disciplinas de antropologia, mas a preocupação de apontar sugestões apresentadas pelos próprios alunos, que mostram dificuldades na compreensão das teorias sem as suas respectivas vivências.

Pontuando experiências, como as pesquisas desenvolvidas por professores e fomentadas por agências, ou ainda, experiências como a da disciplina oferecida em 2006 em Pedrinhas Paulista, é possível identificar alternativas bem sucedidas que contribuam com a formação do indivíduo e que buscam atender ao que os alunos procuram e é fundamental na formação em Ciências Sociais.

Com base nos depoimentos, tanto dos alunos do bacharelado, que não participaram da experiência em Pedrinhas Paulista, quanto dos alunos que cursaram a disciplina, podemos afirmar que todos anseiam por uma disciplina prática, que os levem à experimentação e que a sua ausência na grade curricular prejudica a formação do cientista social, mesmo em outras áreas como a de sociologia e ciência política.

É possível perceber nos discursos dos alunos uma preocupação detalhada com as condições do ensinar e aprender, sugerindo-se propostas diferenciadas para as disciplinas de Antropologia, especialmente, mas também para as demais que compõem o curso de Ciências Sociais.

De fato, sente-se uma ansiedade entre os alunos, em estar no campo, convivendo no cotidiano de seus sujeitos de pesquisa, com suas temáticas, pois do contrário, a teoria, fica apenas na abstração. Não devem existir, segundo eles, dois momentos diferenciados em que

primeiro se recebe a informação (teoria) e depois se vai ao campo, o que raramente também é feito.

As declarações se mostram similares no descontentamento e nas sugestões que nos levam a pensar em uma alternativa como a proposta de tutoria, quando o aluno engaja-se em um projeto de pesquisa e é acompanhado pelo docente durante toda a sua trajetória na graduação. O curso de Ciências Sociais torna-se assim, “um percurso que abre um campo de possibilidades com alternativas de trajetórias e não apenas uma grade curricular” (Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Ciências Sociais).

Esta proposta consiste em orientação mais próxima ao aluno, que optaria por um grupo de estudo de seu interesse a partir do primeiro ano, participando de todas as etapas da pesquisa, juntamente com outros alunos em diferentes níveis de formação, aprendendo no cotidiano o significado da vivência na pesquisa.

Referências

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. *Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas*. Campinas: Papirus, 1991.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. *Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes*. *Projeto História*. Trabalhos da memória, São Paulo, v. 17, p. 269 - 280, 1998.

FRY, Peter. *Formação ou educação: os dilemas dos antropólogos perante a grade curricular*. In: GROSSI, Mirian Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GROSSI, Mirian Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado. Projeto História*. Trabalhos da memória, São Paulo, v. 17, p. 63-120, 1998.

INEP. Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em ciências sociais. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior>>. Acesso em: 4 Ago. 2008

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 2. ed. (Coleção Os Pensadores).

MASETTO, Marcos Tarciso (Org.). *Docência na universidade*. Campinas: Papirus, 1998. 4. ed. (Coleção Práxis).

_____. Aula na universidade. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Didática e Interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Práxis).

MAUSS, Marcel. Ofício de etnógrafo, método sociológico & A prece. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979, p. 53 – 59 e p. 102 – 106.

PEIRANO, Mariza. Um ponto de vista sobre o ensino de antropologia. In: *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 77-104.

PISCITELLI, Adriana G. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. *Cadernos Pagu*. De trajetórias e sentimentos, Campinas, v. 1, p. 149-171, 1993.

PONTES, Heloísa. Círculos de intelectuais e experiência social. Artigo originalmente apresentado no *Grupo de Trabalho Pensamento Social Brasileiro* no XX Encontro da ANPOCS, out. 1996.

WILLIAMS, Raymond. *The Bloomsbury fraction*. Problems in materialism and culture. Londres: Verso Editions, 1982.

WOORTMANN, Klaas. Breve contribuição pessoal à discussão sobre a formação de antropólogos. In: *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra, 2006.

ARTIGO RECEBIDO EM 2008